



Arquivo recebido em  
24 de maio de 2014  
e aprovado em  
15 de junho de 2014

V. 4 - N. 7 - 2014

\* Pesquisadora emérita dos Archives Husserl de Paris, que é uma unidade de pesquisa do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS). Ensinou também estética filosófica no Institut Catholique de Paris.

## **Narratividade e questão do mal na Bíblia**

**Narrativité et la question  
du mal dans la Bible**

*Maria da Penha Villela-Petit\**

### **Resumo**

Lê-se com frequência que os relatos narrativos da Bíblia enquadram ou emolduram as partes legislativas (sobretudo os mandamentos), embora se reconheça, sem tardar, que a Bíblia, a começar pelo Pentateuco (Torah) é uma instrução diversificada cujo alvo é de iluminar nossos caminhos de vida de modo a que possamos responder ao apelo que nos é feito de nos tornarmos «filhos de Deus». Em nossa comunicação tentaremos mostrar a necessidade da narração (dorécit) para que esta instrução, inclusive no seu aspecto «legislativo», possa realmente ser compreendida e levar à conversão do nosso viver no que tem de essencial, e portanto de nosso olhar sobre a vida: tanto sobre nossa vida pessoal quanto sobre a do nosso 'mundo de vida' em seu vários aspectos (sociais, políticos, religiosos). Nossa atenção será atraída sobretudo para aquelas narrações onde o que está em pauta são as manifestações do mal sob as mais variadas formas. Depois da história de Adão e Eva, isto é da narração mítica de como o primeiro casal se deixou persuadir e iludir por Satã (Satanás), nós faremos uma seleção de outras narrações (inclusive a referente a Job) e procuraremos analisar suas lições.

**Palavras chave:** Hermenêutica Bíblica, Mal, Narratividade, Paul Ricoeur.

## Résumé

Il est fréquent de lire que les parties narratives de la Bible encadrent les parties législatives (et surtout les commandements). Bien que l'on reconnaisse aussitôt que la Bible, à commencer par le Pentateuque (la Torah), recèle un enseignement diversifié ayant pour but d'éclairer et rectifier nos chemins de vie, de telle sorte que nous puissions répondre à l'appel que Dieu nous fait de devenir ses « enfants », le fait de prendre les parties narratives pour un encadrement n'est pas sans ambiguïté. Dans cette brève communication, nous voulons mettre en relief le caractère central et incontournable des histoires racontées, à commencer par celles de la Genèse. Pour que l'enseignement biblique soit effectif dans nos vies, la dimension législative des commandements est insuffisante. Les interdictions elles-mêmes ne deviennent significatives que parce qu'elles s'opposent à ce qui arrive d'égarement et de cécité dans l'histoire de nos vies. Ce sont les récits qui nous instruisent sur ces égarements en nous rendant plus conscients sur nos manières de vivre. Leur rôle est de convertir notre regard et sur notre vie personnelle et sur notre « monde de vie » dans ses divers aspects (sociaux, politiques, religieux). A cette fin, nous concentrerons donc notre attention sur le récits où ce qui est en jeu ce sont les manifestations du mal. Après avoir évoqué l'histoire d'Adam et Eve, c'est-à-dire le récit mythique de la façon dont le premier couple s'est laissé tromper et illusionner par Satan, nous aborderons d'autres récits (y compris celui du Livre de Job) en vue d'analyser quelques-unes de leurs leçons.

**Mots-clés:** Herméneutique biblique, le Mal, Narrativité, Paul Ricoeur.

**S**eria um erro se pensar que as histórias contadas na Bíblia sejam meramente ilustrativas, servindo apenas de molduras às partes legislativas. Se a Bíblia, com um e outro Testamento, pretende ser uma fonte de orientação apta a conduzir nossa existência em direção a Deus, ao nosso Criador, ela não poderia, por princípio, se limitar a enunciação de leis e regras rituais a serem cumpridas pelos fiéis.

Em seus diversos livros (que, segundo a classificação adotada, figuram no Pentateuco, nos Livros Históricos, nos Sapienciais e ou, então, nos Escritos dos profetas), a Bíblia ou faz alusão a certos acontecimentos ou narra histórias individuais inseridas na história de um povo com vistas à sua conversão ao Deus verdadeiro, à sua edificação e, por ex-

tensão, à edificação de todos os seres humanos. Histórias que, por sua própria natureza, e a luz da Revelação do Deus único, exigem o dom da Lei. E isto porque já o primeiro homem se deixou enganar, se auto-enganou, iludindo-se sobre si-mesmo, e assim se afastou de Deus.

Como enunciava o grande exegeta que foi o jesuíta francês Paul Beauchamp : «Dans le dispositif biblique, rien ne commence à la loi. Le récit précède la loi.»<sup>1</sup>

A Polifonia bíblica manifesta a diversidade das palavras que nos interpelam, julgam e instruem, reclamando de cada um, uma escuta atenta e o traçar de um caminho de vida que não nos afaste de Deus mas, ao contrário, nos faça acolhê-lo com humildade e amor na profundidade de nossa existência.

O fato mesmo de nomear Deus Criador faz apelo à noção de um relato mítico. Como imaginar a gênese, a criação do mundo sem recorrer ao mito. E isto, mesmo numa época como a nossa em que o desenvolvimento científico do que chamamos de astrofísica é notável. Nenhum cientista, a menos de delírio ideológico, pode «experimentar» algo como o big-bang inicial, ainda que possa formular hipóteses, fazer suposições, ou mesmo experiências (como a que recentemente confirmou o bosom de Higgs) para confirmar leis da física teórica ou, mesmo, se informar sobre o que, a nível material, precedeu a formação do universo (o caos, as primeiras partículas, etc).

O que nos importa, porém, neste trabalho é de outra natureza. Trata-se de atrair a atenção não sobre os relatos da criação mas sobre narrações que têm a ver com a questão do mal. Seria o mal na criação, o mal dos quais todos fazemos experiência, um princípio tão fundamental quanto o do bem ?

---

1. - Paul Beauchamp, «L'exégèse biblique- Sa place dans l'enseignement de l'éthique» in *Conférences- Une exégèse biblique*, Avant-Propos de Michel Fédou, Éditions facultés jésuites de Paris, 2004, p. 41. Veja-se, também, do mesmo autor : *La Loi de Dieu-D'une montagne à l'autre*, Éditions du Seuil, 1999.

Se levanto uma questão desta ordem é levando em conta formas recentes de maniqueísmo como pude constatar ao ler a entrevista dada pelo autor polonês Gustaw Herling a Édith de la Héronnière, entrevista publicada na tradução francesa de seu livro : *Variations sur les ténèbres*.<sup>2</sup>

Já no início da entrevista, o autor confessa : «Sou maniqueísta. A esse respeito, continua ele, vou ler, caso você não se importe [você aqui é a sua entrevistadora], uma passagem do prefácio de Krysztof Pomian à edição francesa do meu Diário. O que nos importa aqui é a seguinte frase : «A sensibilidade de Herling é maniqueísta como também a metafísica subjacente à sua obra. Mas o maniqueísmo não é um culto do Mal. Ele admite a existência de dois princípios claramente separados, e cujo confronto permeia a história do mundo, o do Bem e do Mal, o da Luz e das Trevas.»<sup>3</sup>

Ainda que eu não conheça a maior parte das obras de Gustaw Herling, o que gostaria de dizer é que, embora ela tenha razão de sublinhar as trevas do mal que são inerentes ao nosso mundo, ele não viu que o Bem é mais originário que o Mal e que, portanto, o mistério do Bem está para além do mistério do Mal, como nos revela incoativamente a Gênese e, sobretudo, o Novo Testamento.

Como poderia Deus revelar sua Lei, seus mandamentos, aos homens, caso não fosse Ele o princípio mesmo do Bem, de um Bem muito além do abismo do mal ? É o que nos faz compreender que, precedidos pela afirmação do amor de Deus, os mandamentos enunciam sobretudo o que não devemos fazer se quisermos, apesar de tudo, Lhe ser fiéis, responder ao Seu Amor.

---

2. - Cf. Gustaw Herling, *Variations sur les ténèbres*, trad. fr. par Thérèse Douchy, Suivi d'un entretien avec Edith de la Héronnière, Paris, Seuil, coll. Solo, 1999.

3. - Gustaw Herling, *op. cit.*, p. 117-118.

O excesso originário do Bem que suplanta o excesso do mal e é alvo de nossa esperança, no sentido teológico do termo, transcende, contudo, a História do mundo, que é o mundo de nossas vidas. Como deixa entrever *en passant* Paul Beauchamp, na conferência que mencionei <sup>4</sup> as grandes figuras negativas do Primeiro Testamento não são a encarnação de um Mal absoluto.

Por outro lado, mesmo os grandes heróis da Bíblia são marcados pela «falta» inaugural e portanto pela ambigüidade do bem e do mal. Basta que se pense em Moisés, David, Salomão ou até mesmo em São Pedro, que, sentindo-se ameaçado durante a Paixão de Jesus, negou ser seu discípulo.<sup>5</sup>

Aos olhos dos que partilham a fé cristã, a única exceção é a de Jesus, o filho de Deus, que se incarnou para assumir nossa condição, e a de Maria, sua mãe. E, mesmo assim, sendo plenamente um ser humano, Jesus não deixou de ser tentado, ainda que tivesse em si próprio a chama divina que lhe permitia vencer a tentação.

Feitas tais considerações, a meu ver imprescindíveis, vamos nos deter sobre certas narrações bíblicas, que nos fazem entrever algumas das múltiplas faces do mal. Uma delas é a do ciúme entre irmãos.

Na Gênese, nos deparamos e com a estória de Caim e Abel e com a estória de José e seus irmãos (esta sendo precedida pela estória de Esaú e Jacó). Já que há muitos anos escrevi sobre Caim e Abel <sup>6</sup>, optei por comentar aqui a estória de José, com a qual a Gênese se encerra (Ge,37-50), tanto mais que, perto de nós, ela inspirou a tetralogia

4. - Cf. Paul Beauchamp, *op. cit.*, p. 44, onde se pode ler : «L'ambiguïté préside au récit : les héros négatifs ne sont pas tout à fait mauvais non plus, ni le serpent, ni Caïn, ni le Pharaon d'Abraham, ni Esaü, ni Saül ne sont d'une seule pièce».

5. - O poeta romeno-francês, de origem judia, Benjamin Fondane, que muito jovem já lia a Bíblia, isto é os dois Testamentos, escreveu um poema dramático «A negação de Pedro» ; poema, há poucos anos, traduzido em francês por Odile Serre. Veja-se nosso artigo : «Fondane, lecteur du Nouveau Testament», in *Cahiers Benjamin Fondane*, n° 16, 2013, p. 125-138.

6. - V. Maria da Penha Villela-Petit, «Caïn et Abel - La querelle des offrandes» in *Le Rite*, coll. «Philosophie» n° 6, Institut Catholique de Paris, éd. Beauchesne, 1981, p. 121-148.

(intitulada «José e seus irmãos») de Thomas Mann, um dos grandes escritores alemães do século XX.

O ciúme que a preferência de Jacó por seu filho José desperta em seus irmãos - irmãos por parte unicamente do pai e não da mãe -, e que os leva a detestá-lo e procurar uma maneira de fazê-lo desaparecer da «casa do pai», não é isento de diferenças. Alguns dos irmãos optam por sua morte, outros preferem abandoná-lo no fundo de uma cisterna seca. Assim que a decisão de deixá-lo na cisterna prevalece, passa um grupo de ismaelitas e José acaba sendo a eles vendidos. Graças a essa venda, é levado ao Egito, o que o salva da morte.

Em virtude de suas capacidades, e em particular de sua aptidão a interpretar sonhos, José não tardará a ser promovido pelo faraó e passará a ocupar um posto chave em sua nova terra.

Quanto aos irmãos, de volta à casa, eles escondem o que realmente se passou e anunciam a Jacó a morte de seu filho amado. Daí por diante, também eles não terão mais notícias do irmão, tudo ignorando de sua vida no Egito e das funções que ocupa.

Quando sobrem a seca (prevista por José) tanto em Canaã quanto no Egito e que seus irmãos se vêem obrigados, para não morrer de fome, a se deslocar e ir procurar no Egito de que comer, eles não são capazes de reconhecer José. Este os reconhece, mas se mostra aparentemente severo com os «estrangeiros» exigindo a vinda ao Egito do irmão ausente, ou seja de seu irmão de pai e mãe, Benjamin.

A significação espiritual desta narração, onde o mal, alimentado pelo ciúme levaria a vítima senão à morte, mas a sua expulsão definitiva (o que não deixa de ser uma espécie de morte<sup>7</sup>) é a de promover finalmente o perdão. José perdoa a seus irmãos e, além disso, permite a seu pai Jacó de tomar conhecimento, antes de morrer, que ele, seu filho

---

7. - Cf. o *Filoteo* de Sófocles. Ver também nosso ensaio «L'Enjeu des voix dans le *Philoctète* de Sófocles», in *Les Etudes philosophiques*, PUF, juillet-septembre 1991, p. 313-333.



José, permanecia vivo e agindo da melhor maneira possível.

Neste meu breve comentário da estória de José e seus irmãos deixei de lado o que José haveria também de sofrer no Egito, já que a mulher de Putifar (ministro e chefe da guarda do palácio) o acusara falsamente de ter tentado ter relações sexuais com ela. Acusação tanto mais falsa e mentirosa por quanto era ela, a mulher de Putifar, que ansiava por «dormir» com o belo hebreu. O que José sempre recusara por retidão, integridade pessoal, e respeito a Putifar. Mas como ninguém suspeitara da mentira subjacente à estória inventada pela mulher de Putifar, sua acusação levaria José por bastante tempo à prisão.

Se não me estendi sobre tal aspecto da estória de José é por querer tratar da questão da falsidade e da mentira, recorrendo a outras narrativas bíblicas.

No primeiro livro dito dos Reis, capítulo 21, conta-se uma estória dramática em torno da posse de uma vinha. Acat, rei de Samaria, gostaria de adquirir a vinha de Nabot, que se situa ao lado de seu palácio, com a intenção de transformá-la numa horta. Ele vai ver Nabot de Jezrael, lhe pede para ceder sua vinha e lhe oferece em troca ou uma outra vinha ou, caso ele prefira, uma soma de dinheiro. Nabot, que herdara de seus pais a vinha em questão, não pretende cedê-la. Extremamente aborrecido, Acat volta à casa e recusa a comida que sua mulher, Jezabel, lhe oferece. Desconfiando que algo acontecera, Jezabel interroga Acat. Este lhe conta então sua conversa com Nabot, e a recusa dele a lhe ceder a vinha herdada de seus pais.

Jezabel promete dar a seu marido Acat a tal vinha, e de imediato passa a articular um plano diabólico contra Nabot. Em nome de Acat, redige cartas que envia aos nobres e anciãos da cidade.

«Nas cartas - como se lê na Bíblia- estava escrito o seguinte : «Proclamai um jejum e convocai Nabot diante da assembléia. Subornai dois vagabundos contra ele, que dêem este testemunho : ‘Tu amaldiçoaste a Deus e ao Rei’. Levai-o depois para fora e apedrejai-o até a

morte.»<sup>8</sup>

Tudo acontece segundo o programa traçado por Jezabel. Nabot morre lapidado e, seguindo as ordens da mulher, Acat se dirige à vinha de Nabot para dela tomar posse. Nisso intervem o profeta Elias que comunica a Acat o julgamento de Deus em relação a ele e a sua mulher Jezabel, os quais, fazendo o mal, tinham provocado a ira do Senhor. Ao ouvir as palavras vindas de Deus, Acat arrepende-se, rasga suas vestes, coloca um cilício e jejua. Ele não será castigado, mas seus descendentes não escaparão à desgraça, como uma forma ulterior de punição pelo crime cometido.

Confrontado com estórias dessa ordem, que constam do Antigo Testamento, um cristão não poderia deixar de replicar fazendo apelo ao ensino do Cristo. O pecado não se transmite automaticamente dos pais para os filhos. A estes não se pode atribuir os malfeitos, os crimes dos pais e portanto puní-los por ações que não cometeram.

O que não significa, no entanto, que a violência não possa ser transmitida pelo que se diz dentro de uma família e, mais grave ainda, ao nível de uma coletividade, que se une contra os que considera seus inimigos. Toda violência engendra outras violências ; é como uma semente que se perpetua gerando novos frutos do mal, numa espécie de ciclo infernal.

Importa, porém, que se guarde em mente que diante do mal que se faz aos outros, para satisfazer ambições e desejos pessoais, pode haver uma saída : a de um arrependimento verdadeiro, alimentado pela humildade e pela aceitação ou a partilha do sofrimento.

Vejamos agora - e antes de chegarmos a algumas das lições que nos oferece o livro de Jó - a estória de Suzana. Estória que figura na Bíblia católica como primeiro anexo deuteronômico ao livro de Daniel (Daniel 13, 42-62).

---

8.- Cf. I Reis, 21, 9. Estamos nos servindo da Décima Edição da tradução da CNBB (Conferência Nacional dos Bspos do Brasil).



Suzana é uma mulher bela e religiosa, esposa de Joaquim, homem que gozava de uma excelente reputação dentre os judeus de Babilônia e em cuja casa eles se reuniam. Era pois na casa de Joaquim que dois anciãos que, naquele ano, haviam sido nomeados dirigentes do povo costumavam receber as pessoas que os procuravam por terem algo a resolver. Assim, todos os dias, quando as reuniões eram encerradas, os anciãos viam Suzana sair para passear no parque da propriedade. De longe a olhavam, e sem confessar nada um ao outro, ambos por ela se apaixonaram e queriam possuí-la.

Um dia depois de saírem, indo cada um em direção a sua casa, tiveram um e outro o desejo de retornar para ver Suzana. Quando chegavam perto do jardim e que de novo se encontraram, tiveram que confessar que estavam apaixonados por ela. Combinaram então que quando uma ocasião se apresentasse, ambos iriam pegá-la para com ela ter relações.

Um dia de grande calor, ficaram às espreitas no jardim. Suzana estava sozinha. Ela decidira se banhar e havia pedido às suas escravas, de irem à sua casa buscar sabão e perfume, fechando todas as portas para que ninguém pudesse ter acesso ao jardim.

Foi a ocasião para que os dois anciãos dela se aproximassem e lhe propusessem ter relações com eles. Caso não aceitasse eles a acusariam de ter afastado as escravas do jardim para receber um jovem rapaz. Suzana logo compreendeu a cilada em que tinha caído e se pôs a gritar. Os anciãos fizeram o mesmo e quando o pessoal da casa, alarmado pelo gritos, chegou correndo, eles começaram a dizer que tinham visto Suzana com um jovem.

No dia seguinte, quando todos vieram à casa de Joaquim, viram os anciãos colocando suas mãos sobre a cabeça de Suzana, como uma forma de juramento em relação a verdade do que diziam. Contavam eles que a tinham visto com o rapaz, que, todavia, não haviam podido deter pois ele conseguira fugir.

Diante de um tal fato de adultério, surpreendido em flagrante por duas autoridades, a decisão foi logo tomada de condenar Suzana à morte. Suzana gritava, afirmando sua inocência e sua confiança em Deus : «Ó Deus eterno, que conheces o que está escondido, que tudo vê antes que aconteça, tu sabes muito bem que deram um testemunho falso contra mim ! Vou morrer, dizia ela, mas sem ter feito nada daquilo de que me acusaram». (Dn, 13, 42-43).

Nesse momento, em meio aos que assistiam a cena, uma voz forte se fez ouvir. Era a do jovem Daniel : «Nada tenho a ver com a morte dessa mulher, estou inocente». Ao ouvi-lo, o povo quiz se informar melhor. Daniel declara então que o testemunho dos anciãos era falso e cria as condições de prová-lo, interrogando cada um na ausência do outro. Os testemunhos dos anciãos não coincidem. A prova é dada que haviam mentido ao contar a estória do adultério de Suzana. Ela é inocente e é salva pela graça de Deus, que inspirara as palavras de Daniel. Daniel que será um grande profeta. Esse fim feliz da estória leva o marido e a família de Suzana a louvarem a Deus.

Se me detive sobre a estória de Suzana, que acaba bem, é porque ela nos revela a presença da mentira, dos falsos testemunhos lá onde se poderia esperar um outro tipo de conduta. Ela nos faz sentir e encarar as trevas do mal às quais estão frequentemente expostos os poderosos, quando cegos por seus desejos e, em particular, pelo poder, perdem toda aspiração à Justiça e procuram se colocar acima do que é exigido pela Lei.

Por si só os mandamentos do Decálogo seriam abstratos. São as narrações que variam os exemplos, tornando-nos mais aptos a analisar as situações concretas em que somos tentados pela mentira. Mentir aos outros e a nós mesmos nos faz escravos do mal, mesmo que seja um mal difuso, sem contornos definidos.

Terminarei minha comunicação evocando brevemente o Livro de Jó. Nesse livro sapiencial, escrito também numa perspectiva profética,

a narração é menos explícita do que implicada no que se fica sabendo sobre o destino do personagem chave, assim como através do diálogo que se trava entre ele e seus «amigos». Amigos que interpretam sua sorte como só podendo ser um castigo enviado por Deus.

O Livro de Jó, diga-se de passagem, tem sido muito apreciado por pensadores críticos em relação a um positivismo racionalista ou a uma Filosofia da História, filosofias que, ainda que de modo diferente, tentam contornar o mistério do mal. Penso em particular em Kierkegaard, mas também no pensador russo Lev Chestov e no franco-romeno Benjamin Fondane, ambos também adversários veementes do racionalismo vigente inclusive na Teologia, defensores de Jó, e admiradores do pensador dinamarquês.<sup>9</sup>

Em sua obra *The Great Code, The Bible and Literature*, o grande teórico da Literatura, Northrop Frye chega também a sugerir que se pode ler *O Processo* de Kafka como «uma espécie de *midrash* sobre o Livro de Jó».<sup>10</sup>

Para me limitar a Kierkegaard, recordemos que, em seu livro *A repetição* (1843), ele escreveu, em relação ao drama existencial que vivia, «verdadeiras missivas» a Jó, por ele chamado de 'Meu mudo confidente'.

Jó, que, no relato da Bíblia, é primeiro um homem a quem tudo parece sorrir, vai aos poucos sendo destituído de todos os seus bens, dos bens materiais e, ainda pior, de seus filhos.

Ao padecer de tantas desgraças, Jó não se conforma, revolta-se e não cessa de interpelar a Deus sobre a sua triste sorte. Os amigos (Elifaz, Baldad, Sofar e, por último Eliú) - que com ele vêm dialogar - ,

9. - Benjamin FONDANE (1898-1944, referindo-se a Kierkegaard sublinha «a importância de um homem cuja atividade principal foi situar a Idéia mais que o homem, o conceito mais baixo que a fé, a razão mais baixo que o absurdo e de nos reconduzir de Hegel a Jó...» (Cf. «Soren Kierkegaard et la catégorie du secret» in *La Conscience malheureuse*, éd. Verdier, p.238.

10. - Cf. Northrop FRYE, *The Great Code, The Bible and Literature*, Harcourt B. J. Publishers, 1981-1982 / *O Código dos códigos : A Bíblia e a literatura*, tradução e notas de Flávio Aguiar, São Paulo, Boitempo, 2004, em part. p.233 e segs.

buscam toda sorte de argumentos para convencê-lo que seus sofrimentos só podem ser um castigo devido a faltas cometidas. Os tais amigos aderem, na verdade, a uma «teologia da retribuição», como se todo sofrimento que se padecesse fosse merecido, fosse tacitamente uma punição. Jó não somente não se convence dos argumentos expostos pelos «amigos», como reforça seus protestos porque não se sente culpado.

Chegando ao fim do Livro, é o próprio Deus que se manifesta, dando a Jó uma lição sobre tudo aquilo que dele provém como Criador e que está acima do conhecimento dos homens e por isso mesmo nos escapa. Jó se arrepende de suas queixas e humildemente confessa o quanto os seus protestos contra Deus eram, digamos, alienados. Ele agora O vê melhor, e é capaz d'Ele falar ou a Ele se dirigir com mais propriedade. E constatando, pela reação mesma de Deus, que os argumentos de seus 'amigos' que queriam lhe dar 'lições' indignavam muito mais que suas queixas o Senhor todo poderoso, Jó acaba rezando por eles.

No final Jó é abençoado por Deus, termina sua vida em paz após ter recuperado muitos bens e ter tido outros filhos. O Livro de Jó contém assim um ensinamento sempre atual. As desgraças que podem assotar um ser humano não podem ser 'lidas', interpretadas, em termos de punição divina. Muitas delas dependem das leis físicas ou dos contextos culturais e religiosos em que se vive. E a outra lição não é menos importante. A estória de Jó nos deixa entrever que, por mais que se sofra das provações da vida, é imperativo conservar e manter acesa a chama desta grande virtude teologal que é a Esperança.<sup>11</sup>

---

11. - «Esperança», virtude teologal que foi tão bem 'cantada' pelo poeta francês Charles Péguy, cujo centenário da morte, no início da Primeira Guerra mundial, celebramos neste ano, isto é, em 2014. Cf. de C. Péguy, «Le Porche du mystère de la deuxième vertu» (1911).